

Carlos Drummond de Andrade

O KAXÚYANA, ESSE BEM-EDUCADO

NÃO sei como anda a vida dos índios kaxúyana, que há 20 anos eram apenas uns 50, e há 10 se mudaram da beira do rio Cachorro, afluente do rio Trombetas, no Pará, indo instalar-se no Parque Nacional do Tumúrumaque. Devem ter melhorado de situação. E mereciam. O estudo de Protásio Frikel sobre o código de civilidade deles, que li há pouco numa revista velha, despertou-me simpatia por essa boa gente. Como não simpatizar com esses "selvagens" bem educados, quando na sociedade urbana, dita civilizada, nem há mais código nenhum para reger as maneiras?

Os kaxúyana vão ao requinte de usar quatro formas de linguagem: a comum, ou ordinária, a litúrgica, ou religiosa, a elevada e o baixo calão. Nós aqui no asfalto teremos no máximo duas, a primeira e a quarta, se não for apenas a quarta, infiltrada na primeira. O kaxúyana, porém, sabe aplicar na hora e lugar devidos cada tipo de linguagem. E cada uma tem seu tom de voz peculiar, sua música, digamos assim.

No tocante ao "estilo elevado", fiquei sabendo que é usado em cinco ocasiões distintas: para visitas, pessoas mais velhas e chefes de grupo ou de aldeias; reuniões comunitárias (leram bem? na Camara lá deles, que não é Camara formal, é conselho de grupo, mas exige palavreado decente); em negociações de casamento, divórcio, etc., e na solução de contendas. Porque eles também brigam e discutem, os kaxúyana, mas fazem isso de maneira elegante.

O baixo calão... Em que parte do mundo não existe o baixo calão? Mas lá ele "nunca é usado na vida diária, normal", garante Frikel. O kaxúyana enrubesceria ao ouvir os palavrões que, como flores, brotam nos lábios de gentis senhoritas da orla marítima do Rio de Janeiro. Mesmo no palavrão, contudo, pode notar-se a distinção do índio ao empregá-lo para censurar falhas de higiene íntima: ele adora a limpeza.

As visitas obedecem a cerimonial, coisa que não se vê mais na sociedade promiscua em expansão. Ninguém vai sujo ou suado à maloca do amigo. A pequena distância, toma o seu banho, besunta urucu na pele, pinta o rosto, penteia-se, veste sua melhor tanga, bota jarreteiras e braçadeiras novas. As vezes, até o próprio morador toma esses cuidados para entrar no terreiro, vindo de fora. O visitante costuma dormir a uma distância de 10 a 15 minutos da maloca, em rede armada junto ao igarapé. Dá para ele aparecer fresquinho, banhado e elegante, na residência do amigo, ao entardecer — hora boa para visitas.

Se a visita é coletiva, não se entra em bando, sem hierarquia. A figura principal vai à frente, os outros demoram um pouco. É o tempo de amarrar os cachorros. E de permitir às mulheres o preparo de bebidas e coisas boas de merendar. O kaxúyana capricha em comer e beber. Mingau de banana como quebra-jejum, almoço de peixe com beiju, merenda de cará ou batata doce, jantar também à base de peixe ou carne de anta, vinho de frutas, garapa, tudo muito bem preparado, limpo. Ovos de traçajá, camaleão e jacaré, são delícias especiais.

Ninguém come logo que se senta à mesa, aliás no chão bem varrido. Espera-se que o morador faça o convite oficial, para começar. O convite será renovado duas ou três vezes, para que se possa repetir, e sempre se deve agradecer-lo. Se não houver a formalidade, não se toca na comida, como aconteceu a um rapaz, por esquecimento do dono da casa. Frikel conta que o pobre ficou olhando o pôr-do-sol um tempo infinito, até que o anfitrião se lembrou de dizer o moró, munhó ritual.

Observar, mas não reparar: é princípio estabelecido entre os kaxúyana, para a conversa. Gostam de bater-papo, sem olhar muito para a cara do visitante, pois isso poderia gerar mal-entendidos e desconfianças. Deve-se mesmo virar um pouco de lado, e chega-se ao extremo de polidez virando as costas ao interlocutor. Como quem diz: "Não estou vigiando você, faça o que quiser nesta casa."

Em suma, e na opinião do autor, o código de civilidade dos nossos irmãos kaxúyana "reflete um nível cultural superior". Mas suas observações foram colhidas em contato com a tribo no ano remoto de 1940, e o próprio Frikel, quase 30 anos depois, reconhece que muitas dessas finezas de comportamento se perderam com a aproximação dos castanheiros e caçadores de peles, nos últimos tempos. É pena. Se não fosse isto, bem que a Funai poderia mandar vir do Pará meia dúzia de kaxúyanas, para ensinar boas maneiras à gente. Agora é tarde.

CEDI - P. I. B.
DATA 08.07.86
COD CH 202

ru